



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Uma Relíquia Viva

Living Relic

Autor: Ivan S. Turguêniev

Tradutor: Samuel Junqueira

Edição: RUS Vol. 11. Nº 17

Data: Dezembro de 2020

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.174942>



Uma Relíquia Viva

Ivan S. Turguêniev
Tradução de Samuel Junqueira

***Terra natal de paciência infinita,
És a terra da gente russa!***
F. Tíuttchev

* Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa da Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Departamento de Letras Orientais, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5272-0999>; samjunqueira@gmail.com

Diz um provérbio francês: “Pescador seco e caçador molhado fazem um triste cenário”. Como nunca tive atração pela pesca, não posso julgar o que sente um pescador num dia bonito e claro e até que ponto, com o tempo ruim, o prazer que lhe proporciona uma boa pescaria compensa o incômodo de estar molhado. Mas, para um pescador, a chuva é a pior das catástrofes. Foi justamente a uma catástrofe dessas que Ermolai e eu ficamos expostos numa de nossas incursões atrás de tetrazes no distrito de Beliów. Desde o romper do dia chovia sem parar. O que não fizemos para nos safarmos! Cobrimo-nos quase até a cabeça com as capas de borracha e pusemo-nos debaixo das árvores para que pingasse menos... Sem falar no fato de que nos impediam de atirar, as capas impermeáveis deixavam vaziar água da maneira mais descarada; e sob as árvores – é verdade que, a princípio, parecia não gotejar, mas depois, de súbito, a água que se acumulara na folhagem irrompeu, e cada

ramo nos banhava como se viesse de uma calha, um filete gelado se introduzia pelo colarinho e escorria ao longo da coluna vertebral... Isto já é o cúmulo, como se exprimia Ermolai.

– Não, Piotr Pietróvitch¹ – exclamou finalmente –, assim não é possível! Está impossível caçar hoje. Os cães não têm faro, as armas estão falhando... Arre! Que maçada!

– E o que podemos fazer? – perguntei.

– O seguinte: vamos para Alekseiévka. O senhor talvez não saiba, há um sitiozinho que pertence à vossa mãezinha; a umas oito *verstas*² daqui. Pousamos lá e amanhã...

– Voltamos para cá?

– Não, para cá não... Conheço uns lugares nas proximidades de Alekseiévka... muito melhores que os daqui para caçar tetrazes.

Não perguntei ao meu fiel companheiro por que não me levaria diretamente a esses lugares, e nesse mesmo dia chegamos ao sítio de minha mãe, de cuja existência até então eu sequer suspeitara. Havia no sítio uma dependência anexa muito decrépita, mas desabitada e, por isso mesmo, limpa; passei nela uma noite tranquila.

No dia seguinte acordei bem cedo. O sol acabara de despontar; não havia uma nuvenzinha no céu. Tudo ao redor tinha um brilho intenso e redobrado: o brilho dos primeiros raios matinais e da tempestade da véspera. Enquanto me preparavam o cabriolé, fui dar uma volta em um pequeno jardim, que um dia fora um pomar, mas agora encontrava-se abandonado, e que cercava o anexo por todos os lados com seu fruído perfumado e sua mata pitoresca. Ah, como era bom estar ao ar livre, sob o céu claro, onde esvoaçavam as cotovias, espalhando miçangas prateadas de sua voz sonora! Por certo carregavam gotas de orvalho nas asas, com as quais suas canções pareciam regadas. Cheguei a tirar o gorro da cabeça e respirei com alegria – a plenos pulmões... Na encosta de uma ravina rasa, bem ao

¹ Na Rússia, o uso do nome e patronímico denota uma forma de tratamento respeitosa. (N. do T.).

² Unidade de medida equivalente a 1067 metros. (N. do T.)

lado de uma sebe, via-se um apiário; uma vereda estreita levava até ele, serpeando entre muralhas compactas de ervas daninhas e urtigas, sobre as quais se elevavam, vindo sabe Deus de onde, os caules pontiagudos de um cânhamo verde-escuro.

Segui por aquela senda; cheguei ao apiário. A seu lado havia um pequeno galpão de varas entrelaçadas, o assim chamado *omchánik*, onde ficam as colmeias durante o inverno. Espiei pela porta entreaberta: tudo escuro, quieto e limpo; cheira a menta e a erva cidreira. Num canto haviam armado um tablado, e sobre ele, envolta em um cobertor, havia uma figura pequena, mirrada... Já ia me retirar...

– Senhor, meu senhor! Piotr Pietróvitch! – ouvi uma voz fraca, lenta e rouca, como o farfalhar do espargânio no pântano.

Detive-me.

– Piotr Pietróvitch! Aproxime-se, por favor! - repetiu a voz. Chegava a mim vindo do canto daquele tablado que eu havia notado.

Aproximei-me e fiquei pasmo de espanto. Diante de mim jazia um ser humano vivo, mas o que era aquilo?

Uma cabeça completamente mirrada, de uma cor só, brônzea – era, sem tirar nem pôr, um ícone como aqueles dos manuscritos antigos; o nariz fino como a lâmina de uma faca; os lábios quase não se via – só se destacavam a brancura dos dentes e dos olhos, e mechas ralas de cabelos loiros desprendiam-se do lenço para a testa. Junto ao queixo, na dobra do cobertor, mexem-se duas mãos minúsculas, também cor de bronze, movendo lentamente os dedinhos, como se fossem uns palitinhos. Olho com mais atenção: o rosto não só não é disforme como chega a ser bonito, apesar de espantoso e incomum. E esse rosto parecia-me ainda mais terrível porque nele, em suas faces metálicas, eu via um esforço... um grande esforço para esboçar um sorriso, sem conseguir.

– Não está me reconhecendo, meu senhor? – sussurrou outra vez aquela voz; era como se evaporasse de lábios que mal se moviam. – E como poderia reconhecer? Sou Lukéria... Lembra, aquela que brincava de roda na casa de vossa mãezinha, em Spásskoie?... lembra que eu era a primeira cantora?

– Lukéria! – exclamei. – É você? Será possível?

– Sou eu sim, senhor, sou eu. Sou a Lukéria.

Não sabia o que dizer e fiquei olhando, atordoado, para aquele rosto escuro e imóvel, com os olhos claros e sem vida fixos em mim. Será possível? Essa múmia é Lukéria, a moça mais bela de toda a nossa criadagem, alta, forte, branca, corada, risonha, sempre dançando e cantando! Lukéria, a inteligente Lukéria, cortejada por todos os nossos rapazes, por quem eu mesmo suspirava em segredo, eu – um menino de dezesseis anos!

– Meu Deus, Lukéria – proferi, afinal –, mas o que houve com você?

– Uma enorme desgraça aconteceu comigo! Mas não precisa sentir repugnância, senhor, não tenha nojo do meu infortúnio; sente-se ali na tina, mais perto, senão não poderá me escutar... Está vendo como estou falando alto? Mas como estou contente por revê-lo! Como foi que o senhor veio parar em Alekseiévka?

Lukéria falava muito baixo e com voz fraca, mas sem parar.

– Ermolai, o caçador, trouxe-me aqui. Mas conte-me...

– Contar sobre minha desgraça? Pois bem, senhor. Faz tempo que isso aconteceu comigo, uns seis ou sete anos. Na época, tinha acabado de ficar noiva de Vassíli Poliakov; lembra daquele moço que servia de copeiro na casa de vossa mãezinha, que era tão bem-apegoado, de cabelos crespos? Àquela altura o senhor já não estava mais na aldeia; tinha partido para estudar em Moscou. Vassíli e eu estávamos tão apaixonados; ele não me saía da cabeça; aconteceu na primavera. Uma vez, à noite... não faltava muito para amanhecer... e eu não conseguia conciliar o sono: um rouxinol cantava com tanta doçura no jardim!... Não me contive, levantei-me e fui até a varanda para ouvi-lo. Ele cantava, cantava tanto... e de repente pareceu-me ouvir alguém me chamando com a voz de Vássia,³ bem baixinho: “Lucha!⁴...” Olhei para o lado e, então, meio dormindo, dei um passo em falso no patamar e rolei direto para baixo – e *bum* no chão! Pareceu-me que não havia me machucado

³ Diminutivo de Vassíli. (N. do T.)

⁴ Diminutivo de Lukéria. (N. do T.)

com gravidade, porque levantei-me em seguida e voltei para o quarto. Mas era como se algo dentro de mim, em minhas entranhas, tivesse se rompido... Deixe-me tomar fôlego... um momentinho... senhor.

Lukéria calou-se, e eu a fitava estupefato. Espantava-me, sobretudo, o fato de contar sua história quase com alegria, sem suspiros e queixumes, sem se lamuriar, absolutamente, ou procurar despertar compaixão.

– Desde o acidente – prosseguiu Lukéria –, comecei a secar, a definhar; uma escuridão foi tomando conta de mim; passei a ter dificuldades para andar e, além do mais, não sentia direito as pernas; não podia sentar nem ficar de pé; passava o tempo todo deitada. Nem de comer ou beber tinha vontade: fui ficando cada vez pior. Vossa mãezinha, com sua bondade, levou-me aos médicos e enviou-me ao hospital. Mas não encontrei nenhum alívio. E não houve um médico que soubesse dizer que espécie de doença eu tinha. E o que não fizeram comigo: queimaram-me as costas com ferro em brasa e fizeram-me sentar em gelo moído. Nada adiantou. Por fim, fiquei completamente entrevada. Foi então que os senhores decidiram que não havia mais como me tratar e que de nada servia manter uma inválida na casa senhorial... Enviaram-me, então, para cá, pois aqui tenho parentes. E eu vou vivendo, como pode ver.

Lukéria tornou a se calar e de novo tentou sorrir.

– Mas sua situação é terrível! – exclamei... e, sem saber o que acrescentar, perguntei: – E o que houve com Vassíli Poliakov? – Era uma pergunta bem estúpida.

Lukéria desviou ligeiramente os olhos.

– Com Poliakov? Ficou triste, muito triste, e acabou casando-se com outra, com uma moça de Glínnoe. Conhece Glínnoe? Não é longe daqui. Chama-se Agráfiena. Ele me amava muito, mas é jovem, não deveria ficar solteiro. E que espécie de companheira lhe poderia ter sido? Encontrou uma boa esposa, gentil, até filhos já tem. Mora aqui perto, é intendente na propriedade vizinha: vossa mãezinha liberou seu passaporte e, graças a Deus, ele está muito bem.

– E você passa o tempo todo assim, deitada? – tornei a perguntar.

– É assim que fico, senhor, há sete anos. No verão, fico aqui, neste galpão, e quando começa a esfriar levam-me para o vestíbulo da casa de banhos. E fico ali.

– E quem olha, quem cuida de você?

– Aqui também há gente boa. Nunca me abandonam. Mas também não preciso de muitos cuidados. Comer, não como quase nada, e água, tem ali naquela caneca: sempre tem água pura, da fonte, de reserva. A caneca eu mesma posso alcançar: um de meus braços ainda se movimenta. Bem, há uma menina aqui, uma orfãzinha; de vez em quando vem me visitar, sou-lhe grata. Estava aqui agorinha mesmo... O senhor não a encontrou? Tão bonitinha, clarinha. Traz-me flores. Gosto muito delas, das flores. Flores de jardim não temos; havia, mas desapareceram. Mas as flores do campo são bonitas, cheiram ainda mais que as de jardim. Mesmo o lírio-do-vale... nada pode ser mais agradável!

– E não se aborrece, não se sente angustiada, minha pobre Lukéria?

– Que se há de fazer? Não vou mentir: a princípio foi muito difícil, mas depois me acostumei, me adaptei. Estou bem; há gente em situação ainda pior.

– Como assim?

– Uns nem abrigo têm! E outros são cegos ou surdos! Quanto a mim, graças a Deus, vejo muito bem e ouço tudo, tudo mesmo. Se uma toupeira cava embaixo da terra, eu consigo ouvir. Posso sentir qualquer cheiro, por mais suave que seja. O trigo sarraceno começa a florir no campo ou a tília no jardim e nem é preciso que me digam: sou a primeira a perceber. Basta que de lá sopra uma brisa. Não, para que blasfemar contra Deus? – Há muita gente em situação pior que a minha. Basta pegar um exemplo que seja: uma pessoa saudável peca com muito mais facilidade; já de mim, o próprio pecado se afastou. Há alguns dias, o padre Aleksei, nosso pároco, veio me dar a comunhão e disse: “Você não tem o que confessar: que pecado pode cometer nesse estado?”. Mas eu lhe respondi: “E o pecado em pensamento, paizinho?” “Ora”, diz ele, e ele mesmo sorri, “esse não é um pecado grave.”

– De fato, talvez, nem mesmo por pecados em pensamento eu seja grande pecadora – continuou Lukéria –, pois aprendi a não pensar e, mais que isso, a não ficar recordando. O tempo passa mais depressa.

Confesso que fiquei admirado.

– Está sempre sozinha, Lukéria; então, como pode impedir que os pensamentos lhe venham à cabeça? Ou dorme o tempo todo?

– Oh, não, senhor! Dormir, mesmo, nem sempre consigo. Apesar de não sentir dores muito fortes, dói-me aqui, bem nas entranhas, e os ossos também; não me deixa dormir direito. Não... fico aqui deitada, só deitada, e não penso; sinto que estou viva, respiro, e é tudo. Fico olhando, ouvindo. As abelhas na colmeia zunem e zumbem; a pomba pousa no telhado e põe-se a arrulhar; a galinha chocadeira entra com os pintinhos para bicar migalhas; ora é um pardal que levanta voo, ora uma borboleta, e isso me dá muito prazer. No ano retrasado, umas andorinhas até fizeram um ninho ali, no canto, e tiveram filhotes. E isso foi tão interessante! Vem uma, vai se aproximando do ninho, alimenta os filhotinhos e vai embora. Quando olho, já há outra para substituí-la. Às vezes, nem entram, só passam em frente da porta aberta, e os filhotes, no mesmo instante, começam a piar e abrir o bico... Esperei-as no ano seguinte, mas dizem que um caçador daqui atirou nelas com a espingarda. E o que ganhou com isso? Ela inteira, a andorinha, não é maior que um besouro... Como são cruéis os senhores caçadores!

– Eu não atiro em andorinhas – apressei-me a observar.

– Mas teve uma vez – recomeçou Lukéria – que foi muito engraçado! Uma lebre passou correndo, juro! Os cães deviam estar perseguindo-a, e ela veio parar direto na porta!... Sentou bem pertinho e assim ficou, por um bom tempo, só mexendo o nariz e contorcendo os bigodes: um verdadeiro oficial! E ficou me olhando. Pelo visto, percebeu que eu não era uma ameaça a ela. Por fim se levantou, foi aos pulinhos em direção à porta, na soleira olhou para trás, até isso fez. Foi engraçado!

Lukéria lançou-me um olhar... como que dizendo: não é engraçado? Eu, para agradá-la, ri. Ela mordeu os lábios ressecados.

– Bem, no inverno, claro, me sinto pior: pois fica escuro, dá pena acender uma vela, e de que serviria? Embora seja alfabetizada e sempre tenha gostado de ler, vou ler o quê? Livro, aqui, não tem nenhum, e ainda que tivesse, como eu iria segurá-lo? O padre Aleksei trouxe um calendário para me distrair; mas, vendo que não me tinha serventia, tornou a pegá-lo e levá-lo embora. No entanto, mesmo no escuro, há sempre algo a ouvir: um grilo começa a cantar ou um rato se põe a roer em algum lugar. Nisso há algo de bom: não é preciso pensar!

– Ou então rezo – continuou Lukéria, após descansar um pouco. – Mas orações mesmo só sei algumas. Mas, também, para que iria importunar ao Senhor, nosso Deus? O que posso lhe pedir? Ele, mais do que eu, conhece minhas necessidades. Se me mandou essa cruz, quer dizer que me ama. É assim que nos ensinam a entender isso. Rezo o Pai Nosso, a Ave-Maria, o acatisto *A todos os aflitos*, depois torno a ficar deitada sem pensar em nada. E estou bem.

Passaram uns dois minutos. Não rompia o silêncio nem me movia no barril estreito que me servia de assento. A imobilidade atroz e impassível daquela criatura viva e infeliz que jazia diante de mim chegava a me contagiar: também estava como que petrificado.

– Ouça, Lukéria – comecei por fim a dizer. – Ouça a proposta que tenho a lhe fazer. Quer que providencie para que lhe transfiram a um hospital, a um bom hospital da cidade? Quem sabe talvez tenha cura. Em todo caso, não ficará sozinha.

Lukéria moveu ligeiramente as sobrancelhas.

– Oh, não, senhor – proferiu num sussurro preocupado –, não me transfira para um hospital, não toque em mim. Ali o meu sofrimento só aumentaria. Como haveriam de me curar? Uma vez um médico veio aqui: quis me examinar. Eu lhe pedi: “O senhor não me atormente, pelo amor de Deus”. Qual o quê! Começou a me revirar, a me apalpar e me esticar os braços e as pernas; diz: “Faço isso em prol da ciência, essa é minha função, sou um cientista! E não pode me impedir, dizia, pois por meu trabalho recebi a condecoração que trago no pescoço, e é por vocês, uns tolos, que me empenho”. Não parava de me

sacudir, e depois de dizer o nome de minha doença, de modo bem complicado, foi embora. Em seguida, passei a semana inteira com os ossos todos doendo. Diz que fico sozinha, sempre sozinha. Não, nem sempre. As pessoas vêm me ver. Sou tranquila e não incomodo. As moças da aldeia costumam passar por aqui, para conversar: chega uma romeira de passagem e se põe a contar sobre Jerusalém, Kiev, as cidades sagradas. De modo que não sinto medo de ficar sozinha. É até melhor, juro! Senhor, não mexa comigo, não me leve para o hospital... Agradeço-lhe, o senhor é muito bom, mas não mexa comigo, meu caro senhor.

– Tudo bem, Lukéria, como queira, como queira. Só queria o seu bem...

– Eu sei, senhor, que é para o meu bem. Mas, meu querido senhor, quem pode ajudar o próximo? Quem pode lhe penetrar na alma? Cada um só pode ajudar a si mesmo! O senhor não vai acreditar, mas às vezes fico tão sozinha... que é como se no mundo inteiro não houvesse ninguém além de mim. Só eu estou viva! E tenho a sensação de estar ocorrendo algo comigo... O pensamento toma conta de mim, é até impressionante.

– E o que pensa nesses momentos, Lukéria?

– Isso, senhor, também não há como dizer: não há como exprimir. E, além do mais, depois esqueço. Chega como se fosse uma nuvenzinha, vai se espalhando, deixa tudo agradável e refrescante, mas o que foi isso não há como entender. Só me ocorre: se houvesse alguém ao meu lado nada disto teria acontecido e nada teria sentido, além da minha infelicidade.

Lukéria respirava com dificuldade. O peito não a obedecia, assim como as demais partes do corpo.

– Vejo em seus olhos, senhor – recomeçou –, que tem muita pena de mim. Mas não precisa sentir tanta piedade, palavra! Eu lhe direi, por exemplo: às vezes, e mesmo agora... O senhor se lembra de como eu era alegre, na minha época? Uma moça animada!... Sabe o que mais? Ainda hoje canto canções.

– Canções?... Você?

– Sim, canções, toadas antigas, de roda, folclóricas, natali-

nas, de todo tipo! Sabia muitas e não as esqueci. Só não canto mesmo as de dança. Na minha situação atual de nada servem.

– Como é que as canta... para si mesma?

– Para mim mesma e em voz alta. Muito alta mesmo não consigo, mas ainda assim dá para entender. Como lhe dizia, há uma menina que vem me ver. É orfãzinha e esperta. Ensinei-lhe; já decorou quatro de minhas canções. Ou não acredita? Espere, agora mesmo lhe...

Lukéria tomou fôlego... A ideia de que aquela criatura mais morta do que viva se preparava para cantar despertou-me um horror involuntário. Mas antes que pudesse proferir qualquer palavra, começou a ressoar em meus ouvidos um som arrastado, quase inaudível, mas nítido e firme... e depois seguiu-se outro, e mais outro. “Nos campos”, cantava Lukéria. Cantava sem alterar a expressão impassível do rosto, com o olhar fixo. Mas quão tocante soava essa pobre vozinha forçada, oscilando como um filete de fumaça, como se desejasse assim verter toda a alma... Já não era horror que sentia: uma piedade indescritível afligia-me o coração.

– Ah, não consigo! - proferiu, de repente – Faltam-me forças... Fiquei feliz demais em vê-lo.

Fechou os olhos.

Coloquei a mão sobre seus dedinhos minúsculos e frios... Ela olhou para mim e suas pálpebras escuras, orladas por pestanas douradas, como nas estátuas antigas, tornaram a se fechar. Um instante depois, brilhavam na penumbra... Uma lágrima as umedecera.

Continuava sem me mover.

– Veja como sou! – proferiu de chofre Lukéria, com um vigor inesperado, e, arregalando os olhos, tentou expulsar deles uma lágrima. – Não é vergonhoso? O que deu em mim? Há tempos que isso não acontecia comigo... desde o dia em que Vássia Poliakov veio me ver, na primavera passada. Enquanto permaneci aqui sentado, conversando, fiquei bem; mas assim que foi embora, chorei tanto em minha solidão! De onde vem?... Se bem que para nós, mulheres, as lágrimas não custam nada. Se-

nhor, acrescentou Lukéria, talvez tenha um lenço... Não sinta repugnância, seque meus olhos.

Apressei-me a realizar seu desejo e deixei o lenço para ela. A princípio, se recusou... Para que, dizia, um presente desses? O lenço era bem simples, mas limpo e branco. Em seguida, agarrou-o com seus dedos frágeis e não mais os abriu. Depois de me acostumar à escuridão em que nos encontrávamos, pude distinguir nitidamente suas feições, pude até perceber um tênue rubor destacar-se através do bronzeado de seu rosto, pude descobrir nesse rosto, ao menos assim me pareceu, vestígios de sua antiga beleza.

– Mas, perguntava-me, senhor – pôs-se de novo a falar Lukéria –, se durmo. É verdade que raramente durmo, mas sonho todas as vezes, e tenho sonhos bons. Nunca me vejo doente: em sonho estou sempre tão saudável e jovem... Só há um mal: ao acordar, quero me espreguiçar à vontade, mas estou toda imobilizada. Uma vez tive um sonho tão maravilhoso! Quer que lhe conte? Então ouça. Vejo-me como se estivesse no campo, rodeada pelo centeio alto, maduro e tão dourado!... Comigo há um cãozinho ruivo, bravo, mas bravo mesmo, e sempre querendo me morder. Tenho nas mãos uma foice, e não uma foice qualquer, mas uma que é como a lua quando ela se parece com uma foice. E é com essa própria lua que devo segar até o último centeio. Mas me sinto fatigada pelo calor, o reflexo da lua me cega e a preguiça toma conta de mim, enquanto ao redor crescem centáureas, e são enormes. E todas voltam a cabeceira para mim. Então penso: vou colher essas centáureas; Vássia prometeu vir, então primeiro vou tecer uma guirlanda para mim; ainda terei tempo para a ceifa. Ponho-me a colher as centáureas, mas elas vão se desfazendo entre meus dedos, sem que eu nada possa fazer! Nem consigo fazer a guirlanda. E nisso ouço que alguém está vindo em minha direção, já está bem próximo e me chama: “Lucha! Lucha!...”. Ah, penso, que pena, não deu tempo! Não faz mal, em vez das centáureas vou colocar essa lua na cabeça. Coloco a lua como se fosse um *kokóchnik*,⁵ e no mesmo instante eu mesma começo a brilhar

5 Antigo enfeite usado na cabeça pelas mulheres russas. (N. do T.)

toda e a iluminar todo o campo ao meu redor. Olho, e por cima das espigas quem vem rapidamente em minha direção não é Vássia, mas o próprio Cristo! Mas como soube que era Cristo, não sei dizer. Não é assim que o descrevem, mas era ele! Sem barba, alto, jovem, todo de branco, só o cinturão é dourado, e me estende a mão. “Não tema, diz, minha noiva adornada, siga-me; no reino dos céus, irá conduzir as brincadeiras de roda e entoar as canções do paraíso.” E como me grudei às suas mãozinhas! Ele ia à frente... Suas asas estenderam-se por todo o céu, compridas como as de uma gaivota, e eu atrás dele! E o cãozinho teve de me deixar em paz. Só então entendi que esse cãozinho era a minha doença e que no reino dos céus não haveria lugar para ela.

Lukéria calou-se por um momento.

– Teve ainda outra vez que sonhei – recomeçou –, ou talvez tenha sido uma visão, já nem sei. Parecia que estava deitada neste mesmo tablado e meus finados pais vinham me visitar, tanto o paizinho quanto a mãezinha, e faziam profunda reverência, mas não diziam nada. Então lhes pergunto: “Por que vocês, paizinho e mãezinha, se curvam diante de mim?” “Porque”, dizem em seguida, “pelo tanto que você sofre neste mundo, não aliviou só a sua alma, como também nos tirou dos ombros um grande peso. E ficamos em situação muito melhor no outro mundo. Seus pecados já foram expiados; agora está resgatando os nossos.” E, após dizer isso, meus pais tornaram a se curvar e eu não os via mais: só via as paredes. Depois duvidei muito de que isso houvesse acontecido comigo. Cheguei a contar tudo ao padre. Mas ele não acredita que tenha sido uma visão, porque visões só ocorrem a autoridades religiosas.

– E, no entanto, veja outro sonho que tive – continuou Lukéria. – Vejo que estou à beira de uma estrada, sob um salgueiro, segurando um cajado liso, com um alforje nos ombros e a cabeça coberta com um lenço: como uma peregrina! E tenho de ir em romaria a um lugar bem distante. Diante de mim passam todos os peregrinos; vão devagar, como que a contragosto, na mesma direção; têm uma fisionomia triste e se parecem muito uns com os outros. E vejo que uma mulher se debate e

se agita entre eles, ela é uma cabeça mais alta que as outras e usa um vestido diferente, como se não fosse nosso, não fosse russo. E o rosto também é diferente, um rosto magro e severo. E era como se todo mundo a evitasse; mas de súbito ela se vira e vem direto em minha direção. Para e fica olhando; tem os olhos parecidos com os de um falcão, amarelos, grandes e muito claros. Então lhe pergunto: “Quem é você?”. E ela me diz: “Sou sua morte”. Era para me assustar, mas eu, em vez disso, fico muito feliz e faço o sinal da cruz! E essa mulher, a minha morte, me diz: “Sinto pena de você, Lukéria, mas não posso levá-la comigo. Adeus!”. Meus Deus! Como fiquei triste nessa hora!... “Leve-me”, digo, “leve-me, mãezinha querida!” Então a minha morte voltou-se para mim e se pôs a me repreender... Percebo que está marcando a minha hora, mas de modo tão incompreensível, confuso... Depois, ela diz, do dia de São Pedro... E nisso acordei... Costumo ter esses sonhos surpreendentes!

Lukéria voltou os olhos para cima... e ficou pensativa...

– Só há um problema: acontece-me de passar uma semana inteira sem pregar o olho uma única vez. No ano passado, passou por aqui uma senhora, viu-me e me deu um frasquinho de remédio contra insônia: mandou-me tomar dez gotas de cada vez. Ajudou-me muito, e eu dormia; mas agora já faz tempo que o frasquinho está vazio... O senhor não sabe que remédio era esse e como consegui-lo?

A senhora que passou, evidentemente, havia dado ópio a Lukéria. Prometi arranjar-lhe um frasquinho desses e, uma vez mais, não pude deixar de me admirar em voz alta da sua paciência.

– Ah, senhor – replicou ela –, do que está falando? Que paciência é essa? A paciência de Simeão Estilita⁶ sim é que foi grande: passou trinta anos em cima de uma coluna! E um outro santo mandou que o enterrassem até a altura do peito e as formigas vinham lhe morder o rosto... E veja só o que me disse um homem entendido em textos religiosos: havia um certo país, e esse país foi conquistado pelos agarenos, e eles estavam torturando e matando todos os habitantes; e, por

⁶ Santo nascido na Síria que viveu entre os anos 389 – 459 d.C. (N. do T.)

mais que os habitantes fizessem, não havia meio de se libertarem. Então surgiu entre eles uma virgem santa; ela pegou uma grande espada, vestiu uma armadura de dois *puds*,⁷ enfrentou os agarenos e expulsou todos para o outro lado do mar. Porém, depois de expulsá-los, disse-lhes: “Agora me queimem, porque foi essa a minha promessa, morrer na fogueira pelo meu povo”. E os agarenos a pegaram e queimaram, e o povo, desde então, ficou livre para sempre. Isso sim é uma façanha! Já eu...

Fiquei mesmo impressionado de ver em que forma e até onde chegara a lenda de Joana D’Arc e, após um breve silêncio, perguntei a Lukéria quantos anos tinha.

– Vinte e oito... ou nove... Não cheguei aos trinta. Mas para que contá-los, os anos? Ainda tenho algo a relatar ao senhor...

De repente, Lukéria soltou uma tosse meio seca, gemeu...

– Está falando muito – observei-lhe –, pode lhe fazer mal.

– É verdade – sussurrou de modo quase inaudível –, é o fim da nossa conversa; mas não faz mal! Agora que o senhor vai embora, terei tempo de sobra para ficar em silêncio. Pelo menos desabafei...

Comecei a me despedir dela, reiterei minha promessa de lhe enviar o remédio e pedi-lhe uma vez mais que pensasse bem e me dissesse se precisava de algo.

– Não preciso de nada; estou satisfeita com tudo, graças a Deus – proferiu com enorme esforço, mas de modo comovente. – Que Deus dê saúde a todos! Mas podia convencer sua mãezinha, senhor, a reduzir um pouquinho que seja o *obrók*:⁸ os camponeses daqui são pobres! Não há terras suficientes, não há onde plantar... Iriam pedir a Deus pelo senhor... Já eu, não preciso de nada: estou satisfeita com tudo.

Dei minha palavra a Lukéria de que atenderia ao seu pedido e já me aproximava da porta... quando ela tornou a me chamar.

– Lembra-se, senhor – disse, e um brilho maravilhoso surgiu-lhe nos olhos e nos lábios –, da trança que eu tinha? Lembra-se, ia até o joelho. Demorei para decidir... Que cabelo!...

7 Antiga unidade de peso equivalente a 16,4 Kg. (N. do T.)

8 Imposto pago pelo servo ao seu senhor. (N. do T.)

Mas como haveria de penteá-lo? Na minha situação!... Então o cortei... Sim... Bem, adeus, senhor! Não posso mais...

Nesse mesmo dia, antes de sair à caça, tive uma conversa sobre Lukéria com o capataz do sítio. Soube por ele que na aldeia a chamavam de “Esqueleto Vivo”⁹ e que, aliás, não dava nenhum trabalho; não se ouvia dela nem queixa nem reclamação. “Ela mesma não pede nada, ao contrário: é agradecida por tudo; é quietinha como ela só, verdade seja dita. Abandonada por Deus – assim concluiu o capataz –, talvez por seus pecados; mas isso não é da nossa conta. Quanto a condená-la, por exemplo: não, não a condenamos. Que fique em paz!”

Algumas semanas depois, soube que Lukéria falecera. A morte viera mesmo buscá-la... e “depois do dia de São Pedro”. Contaram que no mesmo dia de sua morte ela ouviu o repicar dos sinos, ainda que de Alekseiévka até a igreja haja mais de cinco *verstas* e fosse dia de semana. Aliás, Lukéria dizia que o som dos sinos vinha não da igreja, mas “de cima”. É provável que não ousasse dizer: do céu.

Referências bibliográficas

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (em 5 volumes). Rio de Janeiro: Editora Delta, 1968.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa (Ideias Afins)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos*. São Paulo: Publifolha, 2008.

⁹ A expressão em russo tanto pode significar a tradução acima escolhida como também pode fazer referência a uma pessoa muito magra. (N. do T.)

SCHNAIDERMAN, Boris. *Tradução, ato desmedido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Zapiski okhotnika*. In *Polnoe sobrânie sotchiniênii i pissem v trídtsati tomákh*. Leningrado: Institut Russkoi Litieraturi (Puchkinskii Dom) Akadiemii Nauk SSSR, 1960-1968.

Recebido em: 20/09/2020

Aceito em: 18/11/2020

Publicado em dezembro de 2020